

APRESENTAÇÃO

Escritas, escutas e sonoridades

Se parássemos um segundo na vida de qualquer pessoa e tivéssemos a possibilidade de contar os sons que se pode captar, a tarefa seria infinita. Agora, se acompanhássemos essa mesma pessoa contando as paisagens sonoras tecidas por ela e pelos ambientes que passa, teríamos uma intrincada tapeçaria de elementos auditivos que enriquece a vida cotidiana. Do suave farfalhar das folhas nas poucas árvores que restam nas urbes ao constante zumbido do trânsito urbano, os sons nos acompanham a cada momento, moldando nossas experiências e emoções. Os componentes auditivos em nossa vida diária são vastos e diversos. Imaginemos por um momento o crepitar reconfortante de uma lareira em uma noite fria ou o fogo composto por materiais diversos alimentando uma fogueira em um latão em uma rua escura, aquecendo outros corpos que não tem a mesma sorte; o riso alegre de crianças em uma praça; o tilintar de talheres durante um almoço em família; a bola estufando a rede do gol do nosso time adversário; outra bola entrando na cesta sem tocar no aro – chuá; o zunido constante de teclados e telefones vibrando em um escritório movimentado. Cada um desses sons é uma nota na sinfonia de nossa existência. Estamos imersos em paisagens visuais, mas, sem dúvida, a composição de uma paisagem sonora também é influenciada pela geografia, pela cultura e pelas atividades humanas. Em uma urbe, os sons podem ser mais rápidos e mecanicistas, estridentes, com sirenes de ambulância, buzinas de carros e o murmúrio constante de conversas. Em um ambiente rural, podemos ouvir o canto dos pássaros, o vento sussurrando nas árvores e um riacho fluindo suavemente. Contudo, uma paisagem sonora se estende além do óbvio. Também é moldada pela arquitetura dos espaços que habitamos e podemos percebê-la, por mais incrível que pareça, em textos. Façamos mais uma vez uma digressão: pensemos na reverberação dentro de uma igreja antiga, onde cada som ecoa majestosamente. Agora, pensemos na tecnologia e podemos vislumbrar que nossa relação com o som mudou: os fones de ouvido nos permitem criar nossas paisagens sonoras personalizadas, enquanto os aplicativos de meditação e relaxamento nos ajudam a escapar do barulho do mundo exterior. Faz-se essencial lembrar que os sons têm o poder de nos conectar com a realidade e nosso ambiente, fornecendo informações valiosas sobre o que nos cerca. Portanto, encontramos-nos imersos em paisagens, bolhas, esferas sonoras diárias. Se há uma escrita de ouvido, uma escrita fonética ou uma escrita literária a partir do som, essa seria uma “técnica” que envolve a transcrição não apenas da fala, mas também de outros elementos auditivos diretamente para a escrita, refletindo a forma como soam – isso tudo exposto aqui de modo genérico. Essa abordagem pode ser particularmente valiosa para capturar as nuances e aspectos culturais de uma

língua, de uma narrativa e pode contribuir significativamente para a análise de objetos culturais. Quando tratamos de analisar objetos culturais, como literatura, música, filmes ou mesmo tradições orais, o uso da escrita de ouvido, da paisagem sonora e tantos outros conceitos que compõem essa percepção sonora, podemos trazer vários benefícios, porque conseguimos de alguma forma preservar a autenticidade; capturar ou realçar emoções e nuances; desenterrar subtextos, implícitos e entrelinhas, etc. Enfim, a análise de artefatos culturais por um viés sonoro, seja de um romance, de uma obra cinematográfica, de uma produção musical, ou qualquer outra forma de expressão artística, pode revelar camadas de significado e percepção que, de outra forma, permaneceriam ocultas. É uma abordagem que nos permite apreciar e nos envolver com a rica tapeçaria sonora da criatividade humana em diferentes contextos. Os autores desse dossiê reservaram um momento para apreciar a diversidade e a complexidade dos elementos auditivos que compõem diversos produtos culturais. Nos seus estudos, cada som impresso ou expressado em objetos culturais é uma pincelada única realçado em suas análises, o que contribui, e muito, para uma outra leitura de produtos culturais.

No artigo “Paisagem sonora em *Drácula*”, de Adriana Falqueto Lemos, Rossanna dos Santos Santana Rubim e Emiliane Santana Gome, há uma análise cultural e contextual da música com um resultado que estudos formais não podem tangenciar. Neste estudo, há a ênfase no efeito provocado pela música e mostra uma gama de significação que se efetiva no ouvinte e na sua bagagem sociocultural. Em suma, as autoras evidenciam a paisagem sonora que há em *Drácula*, a qual não são apenas a soma dos elementos sonoros da urbe que são realçados neste texto, mas também os sons que afligem os personagens.

No contexto da extensão universitária, o artigo “A abordagem triangular e a sensibilização artístico-sonora em tempos de pandemia com o Projeto Integrado Ceduca – DH”, apresenta como foram repensados os encontros para o período de pandemia. Os autores discorrem sobre a transição do presencial para o online, pontuando as atividades que foram significativas e que contribuíram para a continuidade do projeto. Destacam que, na oficina de criatividade, a música foi o elo de conexão entre os participantes e os ministrantes da oficina, com atividades de apreciação e sensibilização sonora, as quais reforçaram o acolhimento aos migrantes participantes do projeto integrado CEDUCA.

No artigo, “A escrita da cidade memorialística em *A idade do serrote*: a paisagem sonora de Juiz de Fora (MG), do início do século XX, na escrita do poeta Murilo Mendes”, de Luísa Almeida, Guilherme Malta, Humberto Fois-Braga, há o realce dos aspectos sonoros do texto de Murilo Mendes e de maneira singular traz de modo sistemático a representação sensorial da paisagem de Juiz de Fora, algo muito inusitado dentro do escopo das análises literárias convencionais – por assim dizer. A autora analisa a

representação da cidade de Juiz de Fora e evocação que essa urbe aporta não somente as referências pessoais e simbólicas de Murilo Mendes, mas apresenta uma paisagem sonora afetiva.

O artigo de Maria de Abreu Altberg, "Vocobiografia espectral: encontro e escuta em Hilda Hilst Pedre Contato", analisa a relação entre o filme *Hilda Hilst pede contato* (2028) de Gabriela Greeb com a pesquisa de inúmeras horas de gravações de áudio realizadas pela escritora, tentando entrar em contato com pessoas já falecidas. O artigo ressalta que o filme não apresenta um viés biográfico, criando um diálogo com o que a autora define como um "espírito poético" de Hilda Hilst. O artigo define o conceito de vocobiografia espectral como o tratamento dado pela cineasta aos arquivos de voz de Hilst, destacando os encontros entre presença e ausência, indivíduo e coletivo, ficção e realidade.

O artigo "Literatura indígena: Tupã Tenonde por Kaká Werá, o som e a escrita auditiva", de autoria de Muriel Costa e Marília Librandi, aborda os sentidos que as sonoridades ocupam no livro *Tupã Tenondé* de Kaká Werá Jecupé. O artigo explora o conceito de "escrita auditiva" proposto por Marília Librandi, bem como o conceito de "tradução intercultural" de Boaventura de Sousa Santos. O artigo propõe ampliar a compreensão da relação entre texto e som, por meio do encontro entre as versões guarani e portuguesa.

O artigo "Ecoando vozes de eventos de educação comunitária: um autoestudo poético", de Ana Paula Caetano, traz um autoestudo poético no qual a autora esteve envolvida e sua poesia se constituiu por meio de um processo de transformação social, pois é a fusão de alguns sujeitos-espacos-tempos. Este estudo, assim, constrói-se no entrelaçamento de textos autorais, os quais provocam ecos que amplificam e ressignificam sentidos de uma mesma figura social envolvida com diversas atividades. Por fim, este texto reflete sobre o processo poético que permeia sons, silêncio e musicalidade. A autora coloca em xeque o processo criativo e os conflitos que o sujeito assume, quando possui papéis e funções distintas, tais como pesquisador, educador e poeta, mas, ao final, toda a bagagem vivida pode ser transformada em poesia, a qual pode ser estudada pelo próprio poeta-pesquisador.

As autoras – Yasmini Thomas de Vargas e Laura Tausz Rónai – do artigo "Amami, Alfredo! Ecos da Ópera *La Traviata* no filme *Pretty Woman*", apresentam interlocuções entre uma produção operística do final do século XX e um filme hollywoodiano, da metade do século XX. Nas duas produções, o artigo analisa aspectos sobre o panorama sonoro e visual, entrelaçando-o com ao contexto histórico e social, aos fatos pessoais e simbólicos. No decorrer do artigo, o leitor terá várias indicações de áudio e imagens para acompanhar as sonoridades, visualidades e demais simbologias, como elementos que reforçam a estética das diferentes produções artísticas em seus contextos históricos.

O artigo "La sonoridade como estratégia didáctica para fomentar la escritura con sentido en estudiantes inmigrantes", de autoria de Claudine Benoit, analisa a escritura como um processo complexo que oferece

grandes desafios aos professores. Compreender a sonoridade presente na escritura é um grande desafio, sobretudo, quando objetiva compreender como estratégia didática os sentidos construídos pelos estudantes imigrantes. O artigo aprofunda tal análise por meio de um estudo qualitativo, com foco descritivo, de 30 docentes do ensino fundamental e ensino médio, concluindo a respeito da importância da sonoridade como estratégia para consolidar a aprendizagem de estudantes imigrantes.

Escuta Poética na Educação Básica: Territórios Sonoros em Conversação, artigo das autoras Sandra Regina Simonis Richter, Dulcimarta Lemos Lino e Bianca de Oliveira Cardoso, insere-se no campo da educação propondo um diálogo entre música, filosofia e pedagogia. O artigo apresenta o resultado dos encontros virtuais dos grupos de pesquisa Escuta Poética e Estudos Poéticos Educação e Linguagem com a música brasileira e Educação Básica, nos tempos de pandemia. Destaca as narrativas que emergiram da reestruturação dos encontros presenciais para o *online*, em que a ênfase foi a “conversação como experiência de pensamento”, e na escuta poética, de si, do outro e do coletivo, fez-se um novo tempo de troca, de aproximação e criação.

O artigo “O museu e o fantasma: a contribuição da expressão sonora e musical no ensino/aprendizagem de crianças nos espaços museais”, de Renata Duprat e Denise Blanco Sant’Anna, analisa as contribuições de atividades como a contação de história, expressão sonora e musical como recursos para o envolvimento e aprendizagem significativa das crianças em visita a um museu tradicional. Os resultados destacam que as atividades lúdicas, explorando a expressividade sonora e musical, despertaram o interesse das crianças durante a mediação, revelando sobre a importância dos espaços museais aperfeiçoarem suas estratégias para uma aproximação efetiva com as crianças e a escola.

Agradecemos imensamente aos autores e as autoras pelos textos submetidos, na certeza de que os artigos contribuirão para ampliar as discussões acerca das sonoridades e suas múltiplas possibilidades de análise. As temáticas não se esgotam aqui e certamente instigarão novos diálogos e desdobramentos.

Boa leitura a todos!

Dra. Denise Blanco Sant’Anna – Universidade Feevale

Dr. Sérgio Bairon – Universidade de São Paulo (USP)

Dr. Éder Cabral – (IENH - IFRS)